

APRIMORAMENTO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EAD: UMA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS EM EDUCOMUNICAÇÃO

Uberlândia/MG Março/2016

Tassiana Fernandes - Universidade Católica Dom Bosco - tassianaf@gmail.com

Blanca Martin Salvago - Universidade Católica Dom Bosco - BLANCA@UCDB.BR

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA

Categoria: ESTRATÉGIAS E POLÍTICAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO INFANTIL E FUNDAMENTAL, EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA, EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

Muito se fala hoje sobre recursos digitais e emprego das Tecnologias de Informação e Comunicação no processo ensino-aprendizagem. Não é novidade que os recursos tecnológicos viabilizam e abrem espaço para o diálogo e a colaboração, fatores cruciais segundo a concepção dialógica freiriana. O objetivo deste estudo é buscar compreensão sobre como aprimorar o ensino-aprendizagem na EAD, empregando o que de melhor as TICs têm a oferecer. A metodologia empregada foi um estudo de dados secundários por meios de revisão bibliográfica. Considerando-se os dados levantados, constatou-se que o emprego adequado das TICs é fator relevante, porém, os pontos-chave de uma reinvenção da educação residem no diálogo participativo, na integração e, acima de tudo, na motivação do próprio educando em buscar o seu aprendizado.

Palavras-chave: Educomunicação. TICs. Ensino-aprendizagem.

Introdução

Quais os efeitos provocados pela facilidade de se obter informações a qualquer hora, em qualquer lugar, ao simples toque na tela de um *smartphone*? A *web 2.0* trouxe uma nova forma de se comunicar/relacionar que gerou implicações em todos os aspectos do mundo globalizado: política, economia e, claro, educação.

Diante de um tema tão emergente que é a crescente inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação como meio de difusão da educação a distância, o que se deseja pesquisar são as possibilidades de aprimoramento do processo ensino-aprendizagem, tendo em vista os estudos sobre educomunicação.

Para Aparici (2014), a educomunicação é um campo em construção, que se sustenta não somente no campo da educação (em suas filosofias ou didáticas), nem tampouco somente na comunicação (em suas bases teóricas ou práticas). A educomunicação reside na interface entre ambas, no mundo que se revela pelo encontro dos dois caminhos. É essa união que torna o cenário tão promissor.

A proposta do presente artigo é, a partir do olhar de autores que questionaram nossa realidade, como Freire, Sodré e importantes pesquisadores em educomunicação, refletir sobre desafios enfrentados hoje na educação, seja pela inserção indiscriminada de recursos tecnológicos sem nenhum suporte pedagógico, seja pela oportunidade de usar os recursos digitais como porta de entrada para uma reinvenção da educação que venha a alterar nosso atual modelo de ensino, seja porque ainda não aprendemos como educar a geração 2.0.

1 A web 2.0 e seus impactos na educação

O homem 2.0 acorda ao toque de um *smartphone*. Enquanto aguarda seu café sair de uma cápsula inserida na cafeteira elétrica, usa um aplicativo no celular para dar bom dia   família, em um espaço virtual onde até mesmo a vov  está reunida em um grupo denominado “nois eh jeca, mas eh joia”. Em seguida, rapidamente consulta as notícias do dia. Mas não o faz no jornal, o faz a partir da tela do seu *tablet*.

Ao preparar-se para a reunião do dia, ouve música para concentração, o que não requer nenhum aparelho eletr nico específico para música. A modernidade tecnológica permite acesso ilimitado a uma biblioteca inesgotável de músicas quando e onde estiver, a partir do próprio *smartphone*, via *streaming*.

Para iniciar a reunião, esse homem nem precisa deslocar-se, já que a mesma vai acontecer por conferência, facilitada por seu *ultrabook* com tela *touchscreen* e 500 Mega de internet de cabos de fibra  tica.

Antes disso, não pode deixar de pagar o boleto do combo Fixo + Celular + Internet + TV por assinatura. Mas isso só leva um minuto, porque pagar boletos não mais significa deslocar-se a uma agência bancária. Basta abrir o aplicativo do Banco e usar a própria câmera do celular como leitor de código de barras. Fácil? Muito fácil.

Você pode imaginar como seriam diferentes esses 15 minutos sem o uso da tecnologia? Para a geração 2.0   difícil crer na própria sobrevivência sem internet ultra veloz, *smartphones* de última linha com sistemas operacionais atualizados com frequência, novidades diárias em aplicativos, infinidades de lançamentos de notebooks e videogames. Assim, a expressão 2.0 faz men o a um grupo de indivíduos que já nasceu no meio tecnológico: os chamados nativos digitais (APARICI, 2014).

No final do século passado, a geração dos jovens era chamada de *Net* ou geração conectada, geração da *web* [...]. Pouco depois, a partir de Prensky, foram denominados de nativos digitais, geração 2.0, e eram associados aos videogames, aos estudantes que procuram informação e relacionamentos na internet, aos que passam mais tempo diante da tela de um computador que diante de livros. Nestes momentos, através do computador ou da telefonia,   possível ter acesso a programas de televisão, rádio, jornais, videogames... e isso está apenas começando. (APARICI, 2014, p. 39).

O fato é que muita coisa mudou – e ainda vem mudando – nos últimos anos com a chegada da *web 2.0*, seja nos relacionamentos interpessoais, na execução de tarefas do ambiente corporativo e até no próprio meio de sobrevivência do ser humano. Na  rea educacional não poderia ser diferente.

A aceleração do ritmo de vida, as novas opções culturais, as intermináveis horas em frente às telas de computador acabaram por abrir novas possibilidades, fazendo do processo de ensino-aprendizagem uma construção permeada por uma troca de interesses sinérgica entre os envolvidos. Para Covi Druetta (2014, p. 140), “a web 2.0 é uma evolução da internet que focaliza suas aplicações nos usuários, permitindo-lhes expressar, gerar colaborações e serviços originais, interagir com os outros usuários ou modificar conteúdos”.

Embora pareça muito novo falar de *web 2.0*, esse conceito de colaboração, trabalho conjunto, troca, união, não é fruto da modernidade por ela propagada. Ao criticar duramente nosso modelo de educação bancária como característica de uma sociedade opressora, Freire (2014) trazia à tona a magnificência da educação problematizadora, que, segundo ele, por meio da dialogicidade, é a única capaz de provocar consciência.

“A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2014, p. 116). Sua dialógica diz respeito à ideia de que deve haver intercâmbio contínuo de saberes entre educador e educando. Assim, estes não se limitam a repetir os conhecimentos recebidos de forma mecânica. Há que se pensar que a educação deve ser pautada na conversa, na troca de informações, na comunicação aberta entre educador e educando, e entre colegas.

O que é diálogo, então, para Paulo Freire? É colaboração, antes de mais nada, co-laboração. Diálogo é, antes de mais nada, trabalhar junto, co-laboração é dar duro junto com os outros.[...] Invasão cultural não quer dizer omissão, mas é não invadir o contexto e o texto cultural do povo, mas chegar lá, estando lá, convivendo, respeitando, partindo do texto e do contexto cultural do povo. Por isso que diálogo é co-laboração, é trabalhar com. (VANUCCHI, 2003, p. 39).

O legado que Freire nos deixa torna evidente a importância da troca de experiências, da educação interativa, mas acima de tudo, integrativa – no sentido de integrar pessoas – aquela que faz do educando um participante ativo do seu processo de aprendizado e colaborador do aprendizado do outro. Não que o professor tenha perdido a sua importância, pelo contrário, ele apenas foi realocado, de forma a poder contribuir e colocar em evidência as demais peças atuantes do sistema. Passamos a ver na figura do educador um mediador capaz de conduzir e orientar seus educandos, confiando-lhes a tarefa de buscar o próprio crescimento.

Para Sodré (2012), a educação não pode ser fruto apenas de um produto do capitalismo, ainda nos moldes dos velhos modelos das igrejas e prisões, em que se contemplava uma figura autoritária à frente de uma sala a falar para os demais. Retomando Freire (2014), isso muito lembra a educação bancária, massacrada por colocar o sujeito em estado de opressão. Ora, mas se é o próprio professor que faz do seu aluno um mero depósito de conhecimentos, que nada auxiliam em seu papel perante a sociedade, então é o modelo de ensino que deve mudar.

É nesse sentido que percebe-se a educação a distância, permeada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs – chegando para cumprir muito bem o seu papel junto ao público já tão familiarizado aos meios digitais, na medida em que proporciona mais abertura e novas possibilidades de relacionamento e interação entre os participantes do processo ensino-aprendizagem.

Segundo Moran (2013, p. 63), “a educação a distância antes vista como uma modalidade secundária ou especial para situações específicas, destaca-se hoje como um caminho estratégico para realizar mudanças profundas na educação.” E mudança é muito do que se espera em termos de educação no Brasil. Para Sodré (2012), o Hemisfério Sul está passando por um processo a que ele denomina neodescolonização. Porém, para que este processo venha a ser efetivo, a transformação deve ocorrer não somente em termos econômicos ou políticos, mas principalmente, cultural, âmbito em que a educação exerce papel central. Para isso, é preciso reinventar a educação.

Então, pensemos: como é possível reinventar-se diante de tantos desafios enfrentados no cenário atual da educação? E mais: como lidar com as crescentes oportunidades proporcionadas pela inserção dos meios de tecnologia de comunicação tão rapidamente inseridos no sistema educacional?

Especialmente neste momento de transição, em que aparece de um lado uma geração de alunos nativos digitais em confronto com uma geração de professores imigrantes digitais, é preciso ter cautela para aproveitar com sabedoria a revolução tecnológica a favor da educação, para que a inclusão dos meios digitais nas salas de aula não seja mera implantação de recursos modernos sem nenhuma utilidade efetiva. Afinal, como afirma Prieto Castillo (2014, p. 52), “uma revolução tecnológica sem uma revolução pedagógica que lhe dê sentido não chega muito longe”. Para a

mudança acontecer, faz-se necessário empregar recursos modernos que suportem um novo modelo educacional, de modo a aproveitar o melhor que a tecnologia tem a oferecer – algo que essa tecnologia não poderia promover por si só.

2 Tecnologias de Informação e Comunicação empregadas como meio de impulsionar a EAD

Sodré (2012), ao refletir sobre nossos aspectos culturais, enfatiza a necessidade de se abrir para a nossa diversidade cultural e compreender que há diversos saberes e que eles se complementam em suas redes de conexões. Para ele, uma forma pedagógica realmente nova visa à recomposição da experiência comunitária; o que se espera de uma reforma pedagógica é algo que venha a superar uma separação entre trabalho manual e intelectual, fato que hoje provoca a dominação de classe social reproduzida pelas instituições.

O que Sodré propõe ao falar sobre reinventar o próprio ambiente é um novo modelo educacional que permita às nossas diversas culturas igualdade de acesso e liberdade de expressão. As Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs –, ferramentas que viabilizam e impulsionam a modalidade de educação a distância, vêm para solucionar essa necessidade ao abrir novas possibilidades junto ao público que não tem a oportunidade de frequentar uma sala de aula, seja pelas barreiras físicas, psíquicas, econômicas; seja pela própria falta de motivação em cursar o ensino presencial.

Para Mercado (2002), as TICs, enquanto ferramenta didática,

podem contribuir para auxiliar professores na sua tarefa de transmitir o conhecimento e adquirir uma nova maneira de ensinar cada vez mais criativa, dinâmica, auxiliando novas descobertas, investigações e levando sempre em conta o diálogo. E, para o aluno, podem contribuir para motivar a sua aprendizagem e aprender, passando assim, a ser mais um instrumento de apoio no processo ensino-aprendizagem. (MERCADO, 2002, p.131).

Já para Moran (2013), as TICs não só podem, como devem ser utilizadas como forma de melhoria da qualidade do ensino, a fim de enriquecer o ambiente educacional oportunizar a professores e alunos a construção de conhecimentos de forma dinâmica, crítica e inovadora.

Ainda de acordo com Moran (2013), as novas tecnologias, ou TICs, permitem transformar o processo de ensino em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, sejam eles presenciais ou digitais. Para ele, a própria expressão “tecnologias móveis” é uma mostra de que o emprego de recursos digitais abre as possibilidades de espaço, delineando a contradição de limitar seus usuários a um espaço fixo como a sala de aula.

As tecnologias digitais facilitam a pesquisa, a comunicação e a divulgação em rede. Temos as tecnologias mais organizadas como os ambientes virtuais de aprendizagem – a exemplo do *Moodle* e semelhantes –, que permitem que tenhamos certo controle de quem acessa o ambiente e do que é preciso fazer em cada etapa de cada curso. Além destes ambientes mais formais, há um conjunto de tecnologias, que denominamos popularmente de 2.0, mais abertas, fáceis e gratuitas (*blogs*, *podcasts*, *wikis* etc.), em que os alunos podem ser os protagonistas de seus processos de aprendizagem, e que facilitam a aprendizagem horizontal, isto é, dos alunos entre si, das pessoas em redes de interesse etc. (MORAN, 2013, p. 31).

É natural do ser humano gostar de se relacionar. E, assim, nunca se falou tanto em ferramentas como *blogs*, *videologs*, sites de relacionamento, redes sociais, *podcasts*, *wikis*, *chats*, fóruns. A tendência de se relacionar/comunicar tem se expandido cada vez mais para as salas de aula, seja ela presencial ou virtual. Com as TICs, o educando passa a adotar um perfil mais participativo, sempre em busca de mais informações, interações, ideias, ou de mero convívio social. A tecnologia não pode ser colocada como responsável pelo conhecimento, mas certamente ela impulsiona sua busca.

Quando focamos mais a aprendizagem dos alunos do que o ensino, a publicação da produção deles se torna fundamental. Recursos como o portfólio, onde os alunos organizam o que produzem e o disponibilizam para consultas, são cada vez mais utilizados. *Blogs*, textos colaborativos (*Google*

Docs), *YouTube*, *Twitter* são recursos muito interativos de publicação com possibilidade de fácil atualização e participação de terceiros. (MORAN, 2013, p. 60).

De forma compartilhada, educandos e educadores podem exibir suas produções e contribuir para aprimorar e enriquecer o resultado daquilo que lhes é apresentado. A isso, a literatura moderna denomina aprendizagem colaborativa. Muito mais do que somente empregar meios digitais, a troca, o diálogo, o “fazer com” são os pontos-chave para o funcionamento eficaz da aprendizagem colaborativa.

Embora seja assuma papel vital, o simples fato de ter à disposição as Tecnologias de Informação e Comunicação nas salas de aula não caracteriza a transformação. Chega o tempo de desenvolver novas habilidades e competências relacionadas à forma de se comportar/relacionar. As TICs, quando empregadas de forma isolada, de nada servem. Por outro lado, quando bem utilizadas, tornam-se aliadas dos educandos e educadores, promovendo expansão das trocas de experiências e novas possibilidades de aprendizado.

E quais as possibilidades para que isso, de fato, aconteça? O próprio Sodré (2012), ao colocar a internet como o meio que sintetiza todos os recursos de expressão das mídias anteriores – rádio, TV, imprensa, escrita – sugere e nos faz crer amplamente na possibilidade de uma reforma pedagógica, especialmente nesse tempo que as Tecnologias de Informação e Comunicação ganham força. Porém, enfatiza ele, não da forma isolada como vêm sendo empregados os meios digitais atualmente. Não se trata de modernizar as escolas inserindo computadores nas salas de aula. A evolução está em reinventar a educação por meio de seus próprios usuários.

Segundo Moran (2013, p. 14), estamos caminhando para uma nova fase de convergência e integração das mídias: tudo começa a integrar-se com tudo, a falar com tudo e com todos. Tudo pode ser divulgado em alguma mídia. Todos podem ser produtores e consumidores de informação. Educar é muito mais que instruir, educar é socializar, educar é, também, tirar o indivíduo de sua zona de conforto, permitindo que possa selecionar as informações importantes à sua formação. Para Aparici (2014), a evolução da educação para além do 2.0 está em reinventá-la tendo os próprios educandos como protagonistas de seu espaço, respeitando a multiplicidade de saberes e encontrando na figura do educador o seu facilitador.

É esse o tipo de reforma pedagógica que vem sendo proposta por meio dos estudos em educomunicação.

3 Educomunicação como meio de transformação e seus desafios

Sodré (2012) acredita que a educação não é fechada, ela deve acontecer a qualquer tempo e em qualquer espaço, o que se revela como mais uma coincidência aos pensamentos de Freire sobre trazer uma nova proposta para nosso velho modelo vertical de ensino.

Neste contexto surge a educomunicação, que sugere a criação de ambientes participativos abertos e criativos, que venham a quebrar a hierarquia do saber, ao colocar todos – educador e educando – como produtores de cultura.

Para Aparici (2014), falar de educomunicação é pensar na prática da educação e da comunicação em um sistema educacional baseado no diálogo e na participação, que não se utilizam somente de tecnologias, mas buscam a mudança de atitudes e de concepções. Leva-se em conta o meio: o comportamento, as crenças, o histórico de aprendizado do próprio educando.

A filosofia da educomunicação advém da concepção dialógica de Freire, capaz de promover a reflexão e libertar a sociedade do seu estado de opressão.

Trata-se de expressão que não apenas indica a existência de uma nova área que trabalha na interface comunicação e educação, mas também sinaliza para uma circunstância histórica, segundo a qual os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação se fazem considerando o papel de centralidade da comunicação. A identificação desse alcance estratégico, ocupado pelos sistemas e processos comunicacionais em nosso tempo, havia sido identificado por Paulo Freire nos anos 1960, quando envolvido com as questões de alfabetização, formação profissional e cidadania, afirmava que promover educação é fazer comunicação. (CITELLI, 2011, p. 7).

Essa concepção dialógica abrange a mesma filosofia que Kaplún (1998) consagrou como

transformadora ao falar de seus três modelos pedagógicos de educação – o bancário, o focalizado nos efeitos e o da educação transformadora. Ao inspirar seus estudos em Freire, Kaplún afirma que a educação transformadora – ou libertadora – não pode se basear em um simples meio para transmitir informação, nem mesmo pode servir como um método capaz de somente gerar comportamentos, uma vez que busca formar pessoas para transformar a sua realidade. Ora, transformar a própria realidade não é algo que se possa fazer dentro de uma sala fechada com a presença de um professor a depositar informações indiscriminadamente. A transformação é fruto de reforma, motivada pelas novas possibilidades de integração entre as pessoas em suas mais diversas formas de expressão.

Assim, não há como pensar que os processos educativos seguirão nos modelos [...] do século XIX, encerrados em quatro paredes, limitados temporalmente no horário de aulas e baseados numa relação em que alguém que detém o conhecimento o transmite aos demais. As transformações em curso tendem a modificar de forma significativa os processos educativos e de produção de conhecimento. A introdução de sistemas educacionais baseados em “open and distance learning (ODL)” e a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são aspectos essenciais nesse processo. (ARAÚJO, 2011, p. 40).

Tendo em vista a quebra das barreiras físicas das salas presenciais, valendo-se da concepção dialógica de Freire e, ainda, em respeito à diversidade de culturas proposta por Sodré, a educomunicação sugere, pelo intermédio das TICs, a saída do professor do eixo central do processo de ensino-aprendizagem. Para Kaplún (2014), não se trata de acabar com o papel do professor, nem tampouco se nega a importância da transmissão informação. Apenas trata-se de encontrar meios que possam motivar a autoeducação orientada, com vistas à autoexpressão.

Introduzir mediações tecnológicas de grande valor como são as redes digitais não deve embaçar o sentido da educação transformadora, interessada na capacidade de mudança que o processo educativo possui. Se a necessidade de explicar uma maneira diferente de organizar a aprendizagem, presencial e a distância, utilizando os recursos digitais, conduziu ao conceito de novos espaços de aprendizagem, estes espaços devem ser pensados para uma educação transformadora. Trata-se de criar uma situação educativa na qual o aluno desenvolva seu pensamento crítico, através de mecanismos de autoaprendizado e trabalho em equipe, auxiliado por tecnologias e orientado por seu professor. (CROVI DRUETTA, 2014, p. 141)

É o que se espera da inserção dos meios digitais nas salas de aula. Nesse trajeto já não precisamos aguardar muito para que o esperado aconteça. É vasto o número de pesquisadores que compartilha o pensamento de que o uso das tecnologias nas escolas já é realidade. Assim, não há como negar que a reinvenção da educação já tenha começado. E, embora o caminho ainda seja longo, não há mais volta. Porém, segundo Orozco-Gómez (2011, p. 160), “não se trata de acolher a tecnologia tal e como ela nos é oferecida pelo mercado”. Há que se pensar se os recursos digitais, da forma como têm sido empregados, realmente trazem resultados positivos, porque o que se vê em telas modernas de computadores são mensagens expositivas e fechadas, incapazes de levar ao diálogo e à reflexão, e que nada remetem à dialógica freiriana. Kaplún (2014) reafirma o pensamento ao refletir que apenas inserir meios digitais nas salas de aula é como usar a velha imagem do professor que tudo sabe e apenas transfere conhecimento.

Ao que parece, os ambientes proporcionados pelas TICs, ao contrário das salas convencionais, oferecem ao usuário uma sensação de liberdade e controle sobre suas experiências, gerando muito mais possibilidades de comunicação. Mas é assim, diante dessa liberdade de expressão e autocontrole, que nos colocamos frente ao maior desafio da educomunicação, porque “o poder da interação não está fundamentalmente nas tecnologias, mas em nossa mente.” (MORAN, 2013, p. 71).

Para Ferrés i Prats (2014, p. 276),

é ingênuo pensar que o simples surgimento de um ambiente tecnológico participativo pode transformar os cidadãos em pessoas socialmente engajadas. O fato de dispor de ferramentas que propiciam a colaboração nunca será suficiente para engajar os cidadãos em uma problemática social ou cultural diante da qual adotam uma atitude indiferente.

Educomunicação realmente eficaz vem acompanhada de educação emocional. Ainda segundo

Ferrés i Prats (2014, p. 276), “cada vez que afirmamos que temos uma dificuldade em conseguir que façam, na verdade estamos tendo uma dificuldade em conseguir que queiram.” Portanto, entende-se que nosso grande desafio está na motivação. Para Aparici e Osuna (2014), os princípios que regem a educação para além do 2.0 devem partir da predisposição do sujeito para aprender. E então, como ensinar a quem não quer aprender? Uma boa dose de motivação não faz mal a ninguém.

O fato é que a revolução tecnológica abriu as portas para a chegada de uma revolução pedagógica transformadora, apoiada no diálogo e na colaboração. E, embora os desafios sejam muitos, pode-se dizer que a evolução já é sentida, porque hoje educação e comunicação estão unidas por um mesmo propósito. É tarefa dos educadores despertar a capacidade de reflexão e pensamento crítico, apoiados na percepção de que sem expressão não há educação Kaplún (2014).

Considerações finais

O presente estudo nos faz refletir sobre uma emergente reforma pedagógica, favorecida e impulsionada pela atuação das Tecnologias de Informação e Comunicação nos mais diversos campos: sociais, políticos, econômicos, culturais.

Ainda não se conhece o caminho exato reinventar a educação, mas a facilidade com que a geração 2.0 se utiliza dos meios digitais para se comunicar/relacionar leva a crer na efetividade das TICs como ambientes de aprendizagem, tendo o professor no papel de mediador e os próprios educandos como protagonistas colaborativos de sua aprendizagem.

É preciso observar que a eficácia da educomunicação, ao se utilizar de espaços abertos como os *blogs*, *wikis*, *podcasts*, fóruns etc. advém da motivação do próprio educando, da sua predisposição para aprender. Eis um dos grandes desafios que esse momento de reforma nos propõe: tornar o espaço de aprendizagem próximo à realidade de cada sujeito e sedutor o suficiente para que ele se mantenha conectado mesmo quando tudo ao seu redor também parecer convidativo.

O que se percebe, enfim, é o campo da educomunicação em fortalecimento, de modo a contribuir com o nascimento de um novo modelo de ensino pautado em ambientes virtuais inovadores, onde se conjugam em colaboração educador e educandos, mediados pelas TICs, com o objetivo de construir o conhecimento juntos, motivados e engajados por uma causa própria.

Referências

APARICI, Roberto (Org.). Educomunicação: para além do 2.0. Tradução de Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2014. 328 p. (Coleção educomunicação).

_____; OSUNA, Sara. Educomunicação e cultura digital. In: APARICI, Roberto (Org.). Educomunicação: para além do 2.0. Tradução de Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 317-328. 328 p. (Coleção educomunicação).

ARAÚJO, Ulisses F. A quarta revolução educacional: a mudança de tempos, espaços e relações na escola a partir do uso de tecnologias e da inclusão social. EDT: educação temática digital, Campinas, v.12, 2011. Número especial. Disponível em: . Acesso em: 12 fev. 2016.

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. (Orgs.) Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2011. 253 p. (Coleção educomunicação).

CROVI DRUETTA, Delia. A trama reticular da educação. In: APARICI, Roberto (org.). Educomunicação: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 121-143. 328 p. (Coleção educomunicação).

FERREIRA, Daniela Carvalho Monteiro; PAIVA, José Eduardo Ribeiro. O Áudio na Internet: uma orientação para os profissionais de comunicação. (e-book). Uberlândia: MAV Ebook, 2008. (Coleção educomunicação).

FERRÉS i PRATS, Joan. Educomunicação e cultura participativa. In: APARICI, Roberto (Org.). Educomunicação: para além do 2.0. Tradução de Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 261-277. 328 p. (Coleção educomunicação).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 58.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 253 p.

FUCHS, Angela Maria Silva; FRANÇA, Maira Nani; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas. Guia para normalização de publicações técnico-científicas. Uberlândia: EDUFU, 2013. 285 p.

KAPLÚN, Mario. Una Pedagogía de la Comunicación. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998. 252 p.

_____. Uma Pedagogia da Comunicação. In: APARICI, Roberto (org.). Educomunicação: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 59-78. 328 p. (Coleção educomunicação).

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. (org.). Novas tecnologias na educação: Reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002. 210 p.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologíass. In: MORAN, José Manuel; MASSETO Marcos T.; BEHRENS, Marilda. Aparecida. Novas Tecnologias e mediações pedagógicas. 21.ed. Campinas: Papirus, 2013 p. 11-72. 171 p.

MOREIRA, Marco A. Mapas conceituais e aprendizagem significativa. São Paulo: Centauro, 2010. 80 p.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tráfado do século XXI. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. (Orgs.) Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 159-174. 253 p. (Coleção educomunicação).

PRIETO CASTILLO, Daniel. Construir nossa palavra de educadores. In: APARICI, Roberto (Org.). Educomunicação: para além do 2.0. Tradução de Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 45-58. 328 p. (Coleção educomunicação).

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012. 280 p.

VANUCCHI, Aldo (org.). Paulo Freire ao vivo: Gravação de conferências com debates realizadas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2003. 152 p.